



MENSAGEM DO SUPERIOR GERAL E DOS CONSULTORES DA ORDEM

Roma, 14 de julho de 2014 – IV Centenário da morte de São Camilo

400 ANOS DE MISERICÓRDIA RECEBIDA E DOADA, PARA QUE O CORAÇÃO CONTINUE A PULSAR NAS NOSSAS MÃOS

“Para curar os doentes não são suficientes os medicamentos, é necessário o amor, isto é a temperatura alta da alma. Febre contra febre, espirito contra carne.

Isto fez São Camilo”. (G. Papini)

Estimados Coirmãos Camilianos,

Uma saudação de paz, de comunhão e de fraternidade a vós, às vossas comunidades, aos vossos colaboradores e aos doentes que juntos, servis e protegeis! Com estes sentimentos de esperança e de confiança – que temos vivido intensamente durante o recente Capítulo geral – dirigimo-nos a vós, no início do nosso mandato a serviço do governo da Ordem, neste acontecimento tão significativo do IV centenário da morte do nosso Fundador, São Camilo. Iniciamos o caminho com o firme propósito de continuar a proteger a “*pequena plantinha*” do Instituto, com a serena confiança em Deus e o humilde reconhecimento de que o bem ao qual todos somos chamados “*não é obra nossa, mas do Senhor*”.

Queremos agradecer os Superiores Gerais e os Consultores que nos precederam neste encargo, em modo particular os últimos Consultores e todos aqueles que nos sustentaram e acompanharam com a simpatia, a amizade, a confiança e a oração: reconhecidos por tal benéfica aproximação, confiamos que tal suporte não venha a faltar no futuro, sobre tudo nos momentos inevitáveis de dificuldades. Manifestamos nossa gratidão a todos os coirmãos pela confiança que nos manifestaram através dos religiosos delegados ao recente Capítulo Geral.

Agradecemos pela confiança depositada em nós pelos capitulares, como representantes de toda a Ordem Camiliana neste particular momento histórico. A esta grande responsabilidade, procuraremos corresponder com a nossa humilde consciência da fé, na obra da graça de Deus nos nossos corações, com a inteligência, com a responsabilidade do apoio fraterno e com a confiança na oração de todos.

A data de 14 de julho que neste ano celebramos com maior envolvimento, nos convida à gratidão pela riqueza dos 400 anos do nosso depósito carismático em benefício da Igreja e de toda a humanidade, mas nos coloca frente a uma comprometedora responsabilidade para o tempo presente e nos projeta para uma projeção audaciosa em relação ao futuro.



Cultivar o sentido dinâmico de uma memória grata para viver a perene atualidade do carisma e da espiritualidade de São Camilo.

Quando ferido, São Camilo intuiu como as feridas humanas necessitam não só de “*cuidados*”, mas também de “*cuidados maternos*”; como o homem ferido, doente, sofrido, pobre, tem necessidade de homens e mulheres que assumam o cuidado dele como pessoa, portanto que o sirvam. E, se é verdade que é próprio dos santos não só intuir quanto responder às exigências do próprio tempo, mas também de se antecipar aos tempos, é verdade que a intuição e o carisma de Camilo conservam hoje uma extraordinária atualidade para responder a aquela que, sem temer de exagerar, possamos considerar como “*emergência*”: a “*emergência antropológica*”, a pergunta sobre quem é o ser humano. Todas as nossas missões falham se o ser humano, cada ser humano, deixa de ser o centro de tudo! Logo: “*Quem é o ser humano*”.

Camilo se inspira do instinto à sabedoria bíblica, lembrando-nos que a unidade da medida da dignidade do homem não é aquela com a qual se medem as coisas, ou o resultado das nossas ações, quanto ao invés é semelhante ao estilo com o qual o Criador mesmo contempla permanentemente a sua Criatura: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança [...]. Viu que tudo quanto tinha feito era coisa muito boa*” (Gen 1,27.31). Também Camilo – no interior da cultura do seu tempo, para a qual o pobrezinho sem prestígio e sem poder, e ainda mais, doente e maltrapilho, não encontrava nenhuma consideração – descobre “este ser humano” - antes vai à procura, descobre que este é um ser humano com a mesma dignidade de qualquer outro ser humano. Após a sua conversão desejará servir a Deus mesmo neste “*ser humano*” e dedicar-se a “*todo o ser humano*” no conhecimento da modernidade (medicina holística, direitos do doente...) que o ser humano entra no hospital como um todo: o pobre leva os seus quatro trapos mas também o seu espírito livre e imortal.

O seu ardor por **obras e caridade** nasceu da descoberta da dignidade do ser humano, sobre tudo por ter visto “*na própria pessoa do doente..., pupila e coração de Deus...o seu senhor e patrão*”. Estes princípios inspiram em Camilo, à sociedade e cultura do seu tempo: não de um púlpito, ou de uma cátedra universitária, mas do hospital, daquele hospital de sua época, no qual ele mesmo havia sido internado como “*um doente incurável*”.

Sim, meus caros amigos. Camilo pergunta ao Senhor “quem é o ser humano”: para ele, a pergunta sobre o ser humano é a pergunta sobre Deus! Neste sentido compreendemos melhor o prescrito da nossa Constituição: “*Com a promoção da saúde, com a cura da doença e a alívio da dor, nós cooperamos com a obra de Deus criador, glorificamos Deus no corpo humano e expressamos a fé na ressurreição*” (n.45).

É uma pergunta que brota de cada coração humano, sobre tudo do coração das **periferias existenciais** onde encontrar os doentes, abandonados e recusados; naquelas **periferias** do mundo da saúde caracterizadas pela falta de acesso aos medicamentos e aos serviços sanitários de base – uma pergunta que envolve os direitos



humanos e portanto interpela a dimensão profética do nosso ser como religiosos camilianos. É uma pergunta que exige a evangelização da dor humana e de todo e qualquer sofrimento do qual somos chamados a dar uma resposta.

Camilo é o homem da época do Renascimento de uma elite, que excluía muitos seres humanos do progresso e dos benefícios da cultura e da saúde. Ele oferece uma resposta de dignidade, que combate decisivamente aquela “*cultura do descarté*”, denunciada ainda hoje com fortes palavras pelo Papa Francisco. É a resposta da cura que não se adorna e não se atrasa, mas que encontra sempre uma maneira nova de oferecer apoio e solidariedade. É a resposta da **proximidade**, a resposta do serviço, que é sempre urgente porque, como escreveu Benedito XVI “*a caridade será sempre necessária, também na sociedade mais justa*” (cfr. Deus caritas est, 28). A partir do momento em que “*o programa do cristão – o programa do bom samaritano, o programa de Jesus – é um coração que vê*” (cfr. Deus caritas est, 31): este programa se transforma também para nós religiosos camilianos num desafio para crescermos e ajudar a crescer os nossos colaboradores na “*formação do coração*”.

Camilo intuiu isto de uma forma concreta e profética, passando a servir os doentes. E é bonito para nós, pensar como talvez tenha sido mesmo aquele “serviço” a educá-lo, amadurecê-lo, prepará-lo a acolher a conversão que o Senhor, através do sofrimento, fez então explodir nele, transformando-a no caminho da santidade.

É a “conversão antropológica”; é a proposta de um “humanismo pleno”, que se volta ao ser humano na sua plenitude e que nos pede para passar da “lei” ao “coração”, do “coração” “às mãos”, do “fazer” ao “doar-se”: uma passagem que nos leva a um serviço autêntico, como serviço à vida: “*a toda a vida e à vida de todos*”. Assim, a conversão se transforma em revolução interior e, como para Camilo, pode revolucionar profundamente o nosso ambiente e o mundo, levando a única revolução necessária, que Jesus nos indicou e ensinou e para a qual também nós devemos sempre mais aprender a combater: “*Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua mente... Amarás teu próximo como a ti mesmo*” (Mt 22,37-39).

É a renovação do amor. Que São Camilo nos ajude a vencê-la, realizando-a!

Viver com paixão e alegria a nossa vocação camiliana para servir com compaixão samaritana

Apenas encerrado o LVIII Capítulo Geral extraordinário, fomos convidados por autoridades representativas da Igreja para vivê-lo, em que pese as contingências históricas sofridas que os religiosos estão experimentando, como um *Kairós*, tempo oportuno de graça e lugar Teológico – alegre e eclesial – no qual nos aproximamos do patrimônio espiritual originário do Fundador São Camilo. Para viver tal mistério na nossa biografia pessoal, em benefício do Instituto e de toda a Igreja, precisamos nos interrogar conjugando o significado evangélico e paradigmático do carisma camiliano nas emergências da história em direção ao futuro.



No continuar a buscar o “fogo místico” do carisma, emerge a via mestra para ler, na verdade, os acontecimentos culminantes com a demissão do Pe. Renato Salvatore do seu ofício de Superior Geral e para viabilizar a uma perspectiva de compreensão em relação ao sofrimento vivido pelos coirmãos. A revitalização da Ordem exige um percurso de cura para que possa viver na perspectiva do **cuidador ferido**, desenvolvendo a necessária **resiliência**: crescer na capacidade de nos reconstruir, permanecendo sensíveis às oportunidades positivas que a vida oferece, sem perder a própria humanidade, empenhados com as palavras e as escolhas, com as decisões expressivamente partilhadas e com um novo estilo de fraternidade, para recuperar a confiança pessoal e interpessoal (autoestima fundada na identidade, carisma e espiritualidade) e a credibilidade social (a imagem pública da Ordem).

Com esta renovada postura, todos e cada um, tanto individual quanto comunitariamente, poderemos com serenidade e consciência viver o serviço aos doentes que nos são confiados com aquela samaritana compaixão que tem catalisado os melhores recursos humanos e espirituais de Camilo e de tantos coirmãos, que viveram heroicamente a caridade e a misericórdia até ao martírio, nos quatro séculos da nossa história.

Este percurso de reconciliação e de maior conhecimento nos permitirá purificar também os motivos profundos da nossa vocação camiliana, para decidir a realizar um “*bem feito bem*” e não só pela aparente fachada de bem. Assim, com Cristo nos nossos corações e solidamente fiéis à verdade da história, “*estaremos sempre prontos para dar razão da grande esperança que está em nós*” (1Pt 3,15), com uma *sã consciência* (verdade da realidade), mansidão (humanidade) e finalmente com **respeito** (dignidade) (cfr. 1Pt3,16).

Hoje somos chamados a sermos “*discípulos missionários*” no mundo da saúde, contribuindo para fazer crescer a “*cultura do encontro*” em oposição à “*cultura da eficiência*” a todo custo e do *descarte*, para a edificação de pontes e não de muros, saindo do nosso egoísmo, alimentando – como nos lembra S. Agostinho – a santa inquietação do coração, da procura, do amor (cfr. Palavras do magistério do Papa Francisco: “*alegrai-vos ...*”. *Aos consagrados e às consagradas para o ano dedicado à Vida consagrada*).

O primeiro e fundamental testemunho desta conversão se manifesta e se alimenta na unidade e na fraternidade das nossas comunidades: se até um passado recente a unidade era sinónimo de uniformidade, hoje somos chamados a enfrentar o desafio e edificar a diversidade na caridade. Esta perspectiva renovada de vida fraterna é qualificada como a mais respeitosa da identidade original de cada um, chamado com os próprios talentos e recursos, resistências e limites, a construir um novo estilo de relacionar-se no qual o irmão protege o irmão na comunidade!

Durante o capítulo meditamos aquilo que vós já, nas vossas comunidades locais, tendes refletido. *Uma revitalização da Ordem* que passa através de dinâmicas renovadas de transparência e vigilância na administração dos bens e das competências,



prudência e inteligência na colaboração com os leigos para o desenvolvimento das potencialidades das obras que a Providência nos confia para o bem dos necessitados; uma maior sinergia no campo da formação para oferecer aos jovens um estilo de crescimento humano e de discernimento vocacional mais comprometido pelo testemunho de vida religiosa mais autêntica; um impulso renovado na *implementação do Projeto Camiliano* que inevitavelmente exige um envolvimento e um interesse da parte das comunidades locais e de todos os religiosos. Portanto fazemos um apelo a todos e a cada um, para um renovado empenho para implementação de tal Projeto.

A grande esperança que alimenta a fé na Providência do Senhor.

O beato J.H. card. Newman com grande sabedoria e realismo lembra-nos que *“o coração do homem vem atingido bem mais do que pelos argumentos e pelos raciocínios intelectuais, pelo testemunho dos fatos, pela história. Somos influenciados por uma pessoa, encantados por uma voz, seduzidos por algo visto, inflamados por uma ação...”*.

O futuro não deve ser improvisado mas planejado estrategicamente, segundo os valores do nosso carisma e da nossa espiritualidade: a confiança profunda na presença providencial de Deus na história não nos exime de empenhar a inteligência e a sabedoria para colaborar responsabilmente para o advento do Reino de Deus em meio a nós.

Tudo o que os coirmãos capitulares partilharam juntos, entre desejos, preocupações, expectativas, esperanças, queremos que se transformem para nós num programa de ação, sobretudo aqueles estilos de vida das nossas comunidades que devem ser com maior expressão e mais urgentemente revitalizados.

As linhas-guia para o novo caminho da economia da Ordem, sintetizam-se ao redor de algumas intervenções para uma mais eficaz organização econômica que cuide urgentemente dos elementos críticos da Casa Geral e das suas demais obrigações, mas sejam também testemunho de um empenho real – para reconquistar a confiança dos coirmãos e dos colaboradores – de vigilância e transparência no trato das questões econômico-financeiras e nas relações com os colaboradores leigos – a quem deve-se exigir também competência *“ética”* no processo do discernimento econômico – e de uma programação clara e regular de prestação de contas na administração e gestão das nossas obras. A confiança no setor econômico deve ser sempre ***provada, comprovada e auditada.***

Pede-se a retomada da *Comissão Econômica Central*, nomeada pela Consulta Geral, composta por religiosos e leigos competentes; o Ecônomo geral seja coadjuvado por um *Organismo econômico* composto por pessoas que lhe garantam um aconselhamento estável e uma colaboração efetiva e que tenha continuidade. No encontro anual entre a Consulta e os Superiores maiores sejam apresentados de forma correta, os balanços preventivos e consuntivos da Casa geral e das realidades relativas a estes, enviados em tempo para facilitar o estudo dos detalhes.



Estas intervenções de natureza técnica, não nos devem eximir como pessoas, religiosos e como comunidades de adotar um estilo de vida sóbrio, testemunho da nossa escolha de consagração na pobreza (cfr. *Carta testamento de São Camilo*), que permita uma partilha com os pobres que encontramos todos os dias. Não podemos esquecer a dimensão do “transitório” do tempo atual e da cultura do imediato que misturam nossos critérios de avaliação. Nas circunstâncias atuais em que vivemos, não basta mais simplesmente sermos justos, bons, caritativos e solidários! Faz-se necessário sempre se proteger do mal (mentalidade negativa do mundo), da indiferença, do egoísmo e pessimismo! São Camilo, na *carta testamento*, manifestando uma visão teológica própria da sua época, convida “*a espantar o Diabo*”, que se manifesta até sob a aparência de bem! É um convite a cultivar um sã discernimento entre a *santidade ingênua* e a *santidade profética* que nos permite acolher os sinais dos tempos e os sinais de Deus dentro da nossa história.

Outro grande e urgente desafio é representado pela realidade da **formação**, articulada através de programas formativos que sejam sempre mais respeitosos e que interajam com as especificidades próprias da cultura e da sensibilidade religiosa e espiritual próprias dos muitos países nos quais está presente a nossa Ordem.

O Capítulo concordou na necessidade de dar consistência aos temas propostos: maior atenção e cuidado na formação inicial à dimensão humana e espiritual dos candidatos (cfr. citando Papa Francisco: para não gerar “*pequenos monstros*”) num renovado clima educacional mas também com um testemunho coerente de vida consagrada; perseverança e programação no caminho de colaboração formativa entre áreas linguísticas; apoio aos religiosos jovens que enfrentam a passagem das casas de formação às primeiras experiências ministeriais; oferecimento de programas sólidos para a formação permanente também através da colaboração inter-religiosa; necessidade de projetar com cuidado e de forma incisiva a promoção vocacional que consiste no testemunho pessoal do nosso carisma, na animação estruturada por parte dos encarregados em tempo pleno e na divulgação da nossa Ordem e das suas múltiplas atividades em favor dos doentes, também através do uso dos meios de comunicação.

Os 400 anos de história que nos precedem estão impregnados de grandes testemunhos de caridade e de misericórdia. Este conteúdo extraordinário de testemunho da bondade do Senhor para a nossa Ordem, seja-nos de estímulo e de encorajamento para purificar o nosso presente – com suas luzes e suas sombras – e para reativar um círculo virtuoso de esperança e de confiança em relação ao futuro. Na perspectiva da fé cristã, Deus acompanha e sustenta com sua luz a nossa história pessoal e aquela da nossa Ordem, também nas vicissitudes que vivemos como sombras, que produzem medo e retardam nossa caminhada para o futuro. À luz de Deus, as experiências negativas aparecem como oportunidade para confessar a nossa pobreza e fragilidade. Podemos caminhar na paz e na serenidade quando aceitarmos ser iluminados por Cristo. Deixemos que esta luz penetre nos nossos corações, nas nossas comunidades, delegações e províncias!



Que o *Deus fiel* continue a sustentar-nos com o bem em nossa vida, com relações sãs e fraternas nas nossas comunidades e com o dom precioso da saúde e da dignidade em relação aos pobres e necessitados que o perderam!

Diante de nós se coloca uma escolha radical: cultivar o pessimismo ou discernir e alimentar os germes da esperança? Albert Schweitzer (1875-1965), médico, missionário, filósofo, músico e homem de uma profunda fé, dedicou toda a sua vida a encontrar uma “cura” à doença que tinha atingido toda a humanidade – o pessimismo – não se resignando nunca com a triste e difícil situação na qual o homem moderno encontrava-se para viver. Ele nos diz que: “*A tragédia da vida não é quando morre um homem, mas o que morre dentro de um homem, enquanto ele ainda está vivo*”. E o que não pode morrer? Exatamente a esperança. Caminhar na esperança não é um percurso ágil e imediato, mas a esperança que alimenta a fé pode fazer a diferença e fazer surgir a novidade de uma humanidade renovada em Deus.

Enviamos uma saudação cordial aos coirmãos doentes e ou idosos que, na estação difícil da velhice ou da doença, continuam a serem testemunhas fieis do carisma. Também saudamos aos jovens camilianos em formação. Que seu entusiasmo possa nos contagiar para uma autêntica revitalização da nossa vida consagrada camiliana.

Confiando solidamente no apoio da Vossa amizade e na força da Vossa oração, Vos saudamos!

São Camilo, com suas “*milhares de benções*” aos camilianos presentes – na sua época – mas também aos futuros – o que hoje somos - nós - e Maria, saúde dos enfermos, Mãe e Rainha dos Ministros dos Enfermos, continuem a interceder por nós junto ao Senhor!

Pe. Leocir Pessini, Superior Geral
Pe. Laurent Zoungrana
Ir. José Ognacio Santaolalla Sáez
Pe. Aristelo Miranda
Pe. Gianfranco Lunardon